

Rev.!

1068

1068

V.

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento

CINEMA
ARTE
ELEGANCIAS

P I A N O S
BECHSTEIN



Esta visão recorda-me a pergunta daquela mãe enlevada na filhinha sentada ao Bechstein, dirigida ao velho Ligt: "Não é verdade que a minha filha já toca divinamente?..."

E o Mestre respondeu sorrindo: "Ela também, tem um piano divino."

DANIEL RUVINA
RUA FORMOSA, 173
P O R T O

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO



uma revista de cinema nos tempos que
vão correndo, ó filhos, já é coragem...

MANIFESTO ÀS RAPARIGAS PORTUGUESAS

Oiçam, Meninas:

Vocês são todas umas excelentes raparigas, cheias de alegria e boa disposição, amando o Sol, o ar-livre e o cinema acima de todas as coisas, possuindo uns dentes, umas pernas e uns braços magníficos, sabendo brincar, sabendo rir—oh! sabendo rir como ninguém!—e estamos prontos a jurar aqui por todas as escrituras possíveis e imagináveis, que estamos plenamente convencidos de que vocês teem todas dezoito anos.

Nós, mesmo, não admitimos outra idade. Ficamos pois assentes nisto: Vocês não teem dezassete, nem dezanove, mas sim dezoito.

Vivam os vossos dezoito anos!

Há só um pequenino inconveniente: é que vocês não teem sabido aproveitar-se, nem da vossa alegria, nem do vosso bom humor, nem do sol, nem do ar-livre, nem do cinema, nem mesmo—supremo sacrilégio!—dos vossos dezoito anos. E a razão é muito simples: há uma coisa que vocês não conhecem e que se chama «personalidade».

E isto assim não está certo!

Ouve tu, menina da província, de Viana do Castelo, de Santarém, de Aveiro:—é necessário acabar com essa coisa de te debruçares todas as noites à janela para dizer e ouvir baboseiras e de irs ao cinema todas as semanas para dar duas olhadelas disfarçadas ao namôro. Debruça-te à janela, se quizeres, mas para vêr estrêlas. E vai ao cinema quando te apetêça, mas para vêr cinema. E agora, outro conselho: não tenhas namôros com rapazes! Conversa antes com êles, como boa camarada que não és, mas podes e deves vir a ser. E quando encontrares um amigo e te apeteça dar-lhe dois dedos de conversa, não te violentes hipocritamente.

Dá-lhe os tais dois dedos, dá-lhe mesmo três ou quatro... E se alguém olhar para ti do alto de um lorgnon, ou te cortarem na casaca, acalma a tua consciênciinha de via reduzida, com êste axioma formidável: «Nada valem as opiniões das pessoas que pesam menos de 45 quilos, ou usam mais de 45 anos.

Oiçam vocês meninas cá da terra:

Os campos começam agora a cobrir-se de fênos e papoilas, o mar a cobrir-se de espumas e a Serra da Estrêla está ainda coberta de neve. Há maillots e skies que esperam por vocês, bocejando de tédio, abandonados, incompreendidos e inúteis...

Há dias, o decrépito oceano sempre novo, disse-nos muito em segrêdo que está ancioso pela vossa adolescência em flôr. Tenham paciência, meninas, mas teem de intervir! Isso de ir às matinées do São João mordendo chocolates—evitai o desemprego preferindo produtos portugueses!—usar saia curta e cruzar com tanta graça a perninha nervosa, não é, por muito extraordinário que isto vos pareça, o suficiente para vos considerarmos cinéfilas «de verdade». Mostrem-nos a vossa boa vontade. Ponham de parte convictamente o «crochet» e sobretudo percam de vez esse costume absolutamente anacrónico de passar as tardes nas varandas dos dentistas. Parece-vos que isso vos diverte e vos torna mais raparigas, mas é puro engano. A vossa atitude tem sido até hoje desoladoramente peça-de-museu. Decididamente mudai de rumo! Isto é para nós uma questão pessoal. E se é necessário meter empenhos para sermos atendidos, fazei-o pelo amor que tendes ao Farrell, ao Bill Rogers, ao Novarrinho, ao Chevalier, ou pelo amor (exageradamente platónico, infelizmente!) que nós próprios temos à Marlène, à Greta, ou àqueles olhinhos-de-carneiro-mal-morto que faz a Sílvia Sidney em certos momentos psicológicos...

E agora tu, civilisada menina da capital:

Tu, que pintas os olhos, os lábios e o cabelo e não pintas o diabo porque te não deixam; tu que estás convencida da tua superioridade deliciosamente hipotética, perde essas maneiras preciosas que possues, e torna-te mais simples, mais sincera, mais rapariga, emfim!

Procura ser o que és, e não o que desejarias ser. Deixa-te de lérias: habitua-te a sofrer como as outras, a chorar como as outras, a viver e evoluir como as outras. Um à parte: se moras nas Avenidas, não deixes de recomendar à criada que não ponha roupa a secar nas varandas. É muito feio... Escuta: vai aos concursos hípicas e aos chás-dançantes se isso te diverte; mas vai fazendo a tua hora de ginástica todos os dias. A respeito de cultura física tens ficado, até à data, naquela que os outros praticam; a respeito de sensibilidade, achas que touros de morte é uma barbaridade; e no que respeita a cultura intelectual fizeste, com distinção, os teus dois examesinhos do estilo, e lêste nas horas-vagas, Dekobra, Clément Vautel e Guido da Verona.

Ora isto não basta!

Positivamente, vocês são todas muito boas raparigas. Mas por hoje, temos conversado!

2 de movimento



É Nancy Carroll. Ponham aqui os olhos!

CORALIA ESCOBAR

CORÁLIA ESCOBAR é uma das raparigas da Tobis, e é—coisa invulgar nos tempos que vão correndo—aquilo a que os franceses chamam expressivamente «jeune fille» e nós portugueses chamamos simplesmente, deliciosamente, «menina».

Reparem nos seus olhos. Há neles um mundo infinito de coisas, que não serão, talvez, as mais atraentes da vida, mas que são, com certeza, as mais adoráveis da vida: ternura, abnegação, sacrifício, uma alegria pueril e uma estranha melancolia. Êstes olhos claros, infantis e doces, devem, em certas horas, olhar a gente até ao fundo de alma, descobrir o malévolo instinto, a traição encoberta ou o venenoso desejo, desalojá-los do seu antro obscuro, e depois, naturalmente, perdoar.

Loira, graciosíssima, anda como quem dança e dança como quem voa. Esta rapariguinha frágil como certos álamos doentes, traz a dança e o ritmo no corpo, como outro sangue mais generoso e mais quente... E depois—predicado raríssimo—é modesta. Não admira exageradamente Marlène, nem desejaria interpretar papeis à Greta Garbo. Admira acima de todas Anny Ondra, e desejaria representar papeis em que saltasse, corresse, cantasse, desse trinta mil gritos e fizesse trinta mil distúrbios, para ter sido e continuar a ser, no fundo, a mesma excelente e simples rapariga que parece...

— Nunca pensei em concorrer à Tobis. Eu não sou bonita, compreende...

E não é, de facto. Mas há nos seus olhos claros, vagamente miópes, e em todas as suas feições uma tal expressibilidade e uma tam profunda impressão de vida, que a gente não pode deixar de a olhar segunda vez, devagarinho, gostosamente...

— Foi o Dr. José Galhardo que insistiu para que mandasse uma fotografia. Depois, quando lá cheguei, quiz desistir. Mas disse comigo: Já agora!...

E, a explicar êste súbito desejo de fugir:

— Havia lá raparigas tam bonitas...

Depois, sorrindo, as asas do narizito fremindo, trémulas como asas de passarinho novo, uma pequenina luz maliciosa a espreitar do fundo dos seus olhos claros de mocinha, e a pedir-me, cariciosa, infantilmente, que não a acreditasse:

— Raparigas muito mais bonitas do que eu...

E continua, espontaneamente...

— Já estive no Pôrto, uma vez, a dansar no São João, com a Ópera Portuguesa... Que lindo teatro! Gostei muito da sua terra, sabe?

A minha entrevistada esteve no Pôrto 24 horas apenas. É portanto absolutamente natural que as suas palavras representem uma amabilidade, e mais nada. Mas assim mesmo agradam-me, e veem ao encontro de certa convicção que desde o principio se firmára no meu espírito. Esta nossa terra tam simpática, deveria positivamente ser a terra ideal para esta natural e simples rapariga... E olho-a, disfarçadamente, com o desejo ligeiramente maldoso de ir até ao fundo da sua alma, de descobrir o segredo certamente acriançado que ela esconde no recanto mais obscuro do seu coração pequenino, como todas as raparigas da sua idade... Seu delicioso sorriso de menina e moça anima-a, e ilumina-a, como um delicioso sol adolescente. E a névoa ténue, vagamente irónica e vagamente melancólica de seus olhos claros adoça-lhe as feições, semelhante a certas brumas leves dos crepúsculos de primavera. E penso: Que bem deveria ficar esta doce rapariguinha, bordando recatadamente, defronte de uma janela emoldurada de glicínias!

Que bem deveria ficar esta rapariguinha doce, longe do cinema, longe dos palcos, longe das múltiplas traições e deslealdades do meio em que evolue, longe das inevitáveis e crueis desilusões da vida, longe de todas as maldades que desmoralisam, longe de todas as preocupações que fatigam, longe de todas as canseiras que envelhecem...

Olho mais uma vez o ritmo doce de seus gestos, o sorriso luminoso de sua boca, a simples névoa clara de seus olhos infantis, um bocadinho miópes. E despeço-me, não faço mais perguntas.

armando vieira pinto



A TOBIS TEM MUITÍSSIMA SORTE!!!

SENHAS DE SAÍDA

Os leitores teem, decerto, reparado como no cinema se identifica com mais facilidade um artista pela personagem que incarnou de que pelo seu valor real de interpretação. Quero dizer, repararam, decerto, no molde que para cada artista cinematográfico representa a criação dum tipo, molde ao qual o artista fica prêso para sempre, dada a viabilidade dum desempenho exemplar. E isto, porque dum sucesso atingido por determinado filme, surge a conveniência financeira de com as mesmas características, fazer outro filme.

E já repararam o que será para um artista a sistemática interpretação dum mesmo género? Ao grito desesperado de Charles Farrel em não querer trabalhar mais com Janet Gaynor, tendo como base a mediocridade dos papéis que lhe teem cabido prejudicando-o na sua carreira, julgo não ser estranha também a sugestão apresentada acima.

Mas surge ainda aqui um ponto capital para discutir. O público cinéfilo (e por público cinéfilo entendo a maioria do público que enche os cinemas) tem apreciado os filmes pelo seu valor como arte? Não.

O público, até hoje, tem apreciado os filmes por intermédio dos actores e muito especialmente das actrizes que neles tomam parte. E sendo assim, quando das estreias, o público não vai ver o filme, o argumento, a realização, o conjunto, mas, sim, o actor tal e a artista tal. Ora êste é um caminho errado. E só isto justifica o insucesso de belos filmes e o triunfo de péssimos filmes.

Vejamos um exemplo dos primeiros que é precisamente o que interessa para êste artigo sem pretensões.

Os leitores recordam o «Allô, Paris? daqui Berlim». Uma telefonista de Paris — Lily, um telefonista de Berlim — Erich..... O «flirt» através as ligações..... Lembram-se, com certeza..... Pois o «Allô, Paris? daqui Berlim» que trouxe nas suas imagens pela mão de Duvivier, o discípulo de René Clair, pedaços de técnica maravilhosa, passou na tela dos cinemas sem grande gáudio, exultado nas suas boas qualidades por duas ou três revistas apenas, mas o grande público nem lhe reconheceu o valor que tinha e grande, a graça que tinha e espirituosa, e a beleza que tinha e muita.

Não lhe reconheceu nada disso precisamente porque os seus interpretes eram..... desconhecidos. Lily não era a Lilian Harvey, mas Josette Day, Erich não era Henry Garat, mas Volfang Klein..... E, no entanto, — até parece impossível, mas é verdade — se Lilian interpretasse Lily, se Garat interpretasse Erich, o filme perdia todo o valor, tóda a graça, tóda a beleza. Porque o valor, a graça e a beleza da interpretação do «Allô, Paris? daqui Berlim», era êsse conjunto de actores e de actrizes tão pouco conhecidos, mas tão identificados nos seus papéis, como se fossem realmente empregadas e empregados dos telefones que a gente não conhecesse.....

À maneira de pensamentos

As artistas de cinema não são estrêlas como dizem, porque..... não teem luz própria.

*

As obras de Gervásio Lobato serviriam para revelar o René Clair português.

*

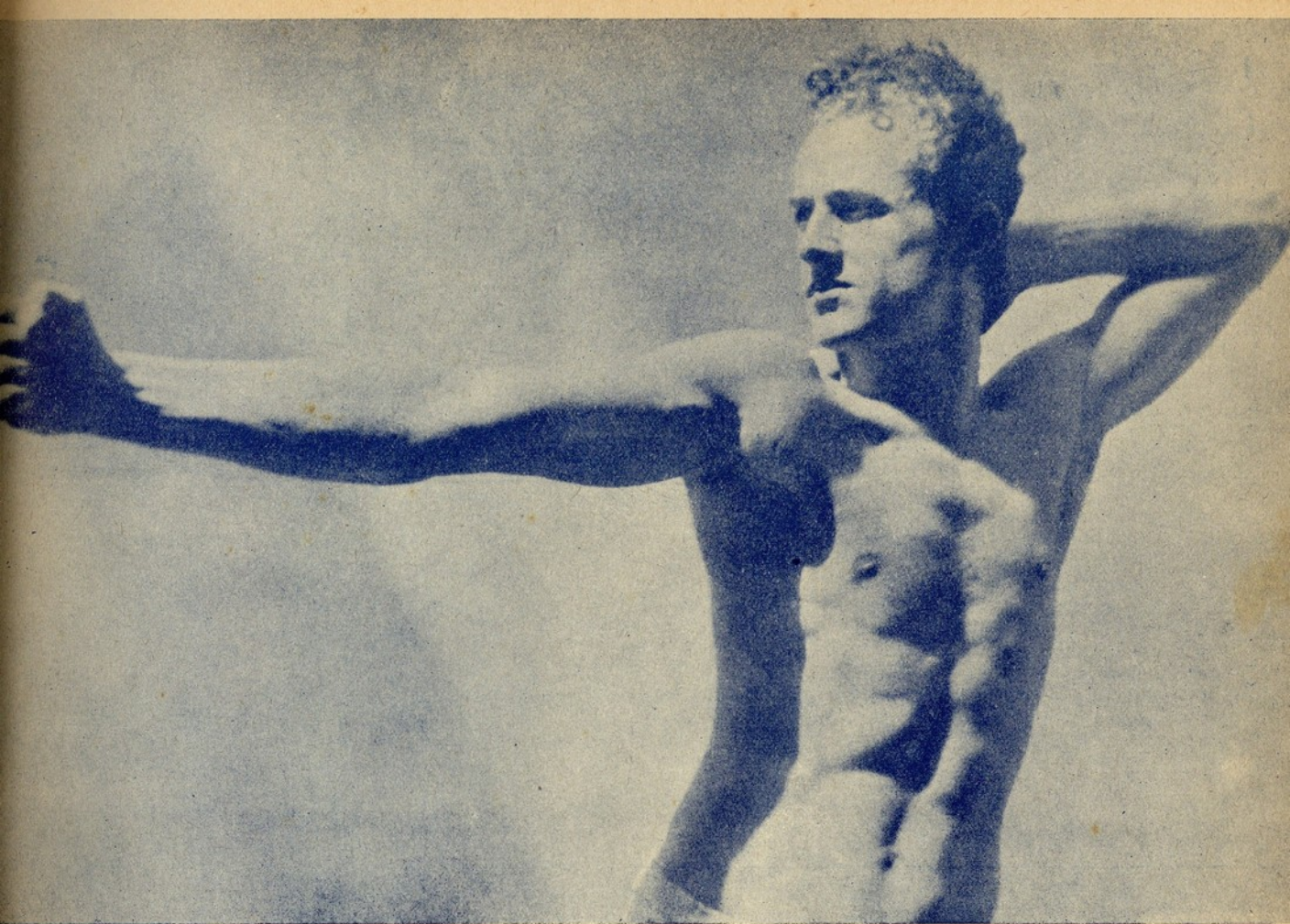
Ouvi dizer que a Marlène andava de calças e eu mesmo vi um retrato dela no «Animatógrafo». Tive pena não só da Marlène, mas também das calças.

*

Preciso de tornar a ver a tragi-comédia da Vida no que ela tem de mais grotesco, de mais humano, de mais intimamente desolador.

Charlot, meu Gil Vicente do século vinte, quando fazes outro filme?

a l e x a n d r e d e m é d i c i s



manoel de oliveira, galã da “canção de lisboa

... E então, então eu disse
Enquanto sôbre a tela
Corria a fita ...

— Que tolice!

Pois gostava dela?

... Não sou sequer tão bonita
Nem meu corpo encontra o meio
De se ajustar ao seu ...

E êle

Numa expressão muito fria

Quási sorrindo

Emudeceu,

— Os olhos postos na pele

Do meu seio

Ansioso e lindo

Que sofria.

marianela de castro

GWUILI ANDRE OU UM CASO MUITO SÉRIO

Isto passou-se assim: A certa altura da conversa, o Armando disparou-me à queima-roupa.

—.....É tu fazes um artigo de página sobre Gwuili André. Aqui está a gravura.... Eu, pouco acostumado a comoções violentas, pus-me a coçar a caspa na tẽmpora esquerda sem dizer patavina.

— Despacha-te. Parece que ficaste parvo, menino! É um artigo sobre Gwuili André, que aqui está nesta fotografia, mas um artigo sem adjectivos, cá de dentro, com vida e movimento.

Então, depois dum silêncio assim-assim, durante o qual passei a coçar a caspa da tẽmpora direita, levantei-me indignado:

— Isto não se faz! — e batia com os punhos na mẽsa enquanto os outros olhavam para mim com uns olhos assustadiços de Pamplinas em pijama. — Isto não se faz! Isto é proceder à falsa-fẽ.

— Mas..... então..... pois..... tu..... — balbuciavam ões todos alterados, já com mẽdo talvez da congestão.

— Qual mas, nem meio mas! Não se chama um cidadão pacífico e tranqũilo para assim à queima-roupa, sem uma advertẽcia, um aviso prẽvio, umas palmadinhas nas costas e uns piparotes indiferentes nas abas do casaco, disparar um golpe terrível como õeste.

— Terrível? — exclamaram todos.

— Sim, terrível! Terribilíssimo! Eu queria saber se algum de vocês teria o suficiente sangue-frio para escrever um artigo mediante a aparição inesperada duma fotografia destas. Cá de mim o meu ferve em cachão. Apre!

E fiz dos dẽdos castanholas, num gesto brusco, enquanto os outros saltavam como queimados por alguma gota que chapinasse.

— Depois o Alberto já tinha metido empenhos para falar desta estrẽla de papel. Até ia tuberculizando.

— E teria fio para a estrẽla? — perguntou ingẽnuamente o Alexandre.

Então o Vasco Rodrigues aproximou-se paternalmente e dando-me as tais palmadinhas nas costas e os tais piparotes nas abas do casaco, como quem deita água na fervura, foi-me chegando às boas.

— Mas veja lá, meu caro. Repare bem. Isto é simplesmente papel. Ora apalpe se faz favor. Encontra õsso?

— É que esta Gwuili Andre é um caso muito sẽrio. É mesmo um caso muitíssimo sẽrio. Por exemplo: Olhem para õeste corpo de corveta em direcção ao farolim da barra; õestes braços estendidos, tensos como dois elásticos; õeste olhar cerrado que nos enrodilha, e sobretudo — ai, sobretudo! — estas narinas que nos aspiram todos até ao calafrio.

O Armando, porém, que já tinha fumado cinco cigarros com o nervoso, apontou o dẽdo imperativo:

— Faça!

— Mas o quẽ, senhor! O quẽ?

— Nasceu na Dinamarca — disse um.

— Ai recebeu o primeiro treino dramático — disse outro.

— Foi depois para Nova-York onde Steichen a descobriu fotograficamente, — disse outro ainda.

— Ponha lá — bradou resolutivo o Alves Costa que sabe tudo — esta pechincha pertence à RKO-Radio Pictures. É a RKO que tem a suprema ventura de possuir nos seus estũdios esta maravilha que brevemente veremos desempenhando o primeiro papel da produção de Wesley Ruggles "Nas garras do Dragão" com Richard Dix, Zazu Pitts e Everest Norton, uma terrível tragẽdia de celuloide passada na Mandchuria.

— Mas vocês não disseram ainda o principal — voltei eu enfim, já domesticado por tanta sabedoria — vamos lá a saber: É divorciada, é solteira, é casada? Não se arranja ao menos um escandalozinho para aperitivo?

Emudeceram inglõriamente, õestes cinẽfilos encartados. Nenhum respondeu e eu fiquei com o artigo por concluir.

Os leitores não me dirão por ai algum?

l u i z g u e d e s



ISTO É UM CASO MUITO SÉRIO!!!

PROF. CINEMA

Não pode negar-se que o cinema tomou, de há poucos anos para cá, o lugar correspondente ao tido, nos anteriores cincoenta anos, pela literatura. A influência que esta teve, neste praso, sobre as atitudes exteriores, as anímicas e as intelectuais do homem e da fêmea, ensinando a compostura externa, talhando os sentimentos, marcando as ideias, essa influência que a literatura teve nesses tempos, tem-na o cinema sobre a vida humana de hoje.

Eu julgo: a literatura citada, recebendo influências e sugestões da própria vida, transmitiu após a essa mesma vida sugestões e influências muito mais fortes e avassaladoras que as primeiramente recebidas. Vejamos: qualquer escritor tomando para clima e personagens dum seu romance o ambiente e as pessoas e os casos da sua convivência, por força do seu intimo romantismo, pôs, nas páginas do seu romance escrito, um ambiente, pessoas e casos desiguais. E, levando tudo a um exagêro, o romance foi pôr nas pessoas que o leram modos, sentimentos e ideais mais ou menos marcados que ideais, sentimentos e modos correntes.

O homem e a mulher em Portugal, sofreram múltiplos embates literários. Uma estatística curiosa, que não se fez e cujos resultados teriam, certamente, de causar horror e mágua, seria a dos males e desgraças provocados pelos livros de Camilo. Não deve haver dúvidas sobre os trágicos efeitos de que esses volumes foram as inocentes causas! E veja-se o passado com os livros do Eça! Contra o que vulgarmente se diga, penso que Ele não foi o cronista mundano, nem o fotógrafo do Carlos da Maia, do Ega, do Fradique: pelo contrário, o Fradique, o Ega, o Maia foram os influenciadores de dezenas de homens que mais além não foram de provas fotográficas dessas personagens. Amou-se à Maia, pensou-se à Fradique (verdade seja que não se escreveu como ele) e irritou-se o indígena à Ega.

Essas lições que a literatura deu está a dá-las hoje, o cinema. E, se nos tempos em que falei, os discípulos foram de qualidade honrosa para os mestres, todos devemos reconhecer a facilidade com que, nos últimos anos e nos dias correntes, o cinema tem influenciado a humanidade.

Os senhores alonguem a vista por esse mundo de Cristo! O cinema, transformado em Professor que dá lições a quasi toda a gente, tomou conta do globo terráqueo e preleciona em toda a parte onde haja um pano branco, celuloide impressionado, uma máquina exibidora e um ser humano que ponha tudo a funcionar. E as suas influências podemos constatar-las em toda a vida, desde a mais superficial à mais profunda.

Aquela menina frágil que observei há pouquinho, seguida por um rapaz que lhe dizia todas as doces palavras do amor e do desejo! Ela traz um vestido branco que eu já vi à Joan Crawford e tenho na retina não sei porque razão. Ele anda com um fato todo copiado daqueles que os galãs americanos usam, másculos, desportivos, abertos. Ela tem um andar arrastado, quebrado, à Greta Garbo, e, como esta, toma atitudes de preguiça e voluptuosidade, com trejeitos estudados na última fita que da inspiradora viu e repetidos em casa, frente ao espelho, antes da saída. Ele usa um bigodinho que parece um fio do Norte enegrecido e, enfezado e insignificante, procura ter os modos daqueles americanos que não têm raciocínio mas fazem muito bem todos os desportos.

Essa rapariga e esse rapaz que foram buscar ao cinema a solução das suas preocupações de elegância exterior, andam hoje presos por um sentimento que eu não sei nomear e nasceu há muito pouco tempo para uso das fitas cinematográficas. Trata-se de uma camaradagem quasi igual à que pode juntar dois individuos do mesmo sexo, camaradagem sem desvios e de bom sentido. O homem e a mulher deixam de ser dois inimigos em luta para um acôrdo de almas e de corpos, ficando-se numa companhia amável que se manifesta desde a prática dos desportos em comum às pancadas de *compincharia*, mais ou menos fortes, nos respectivos ombros.

Para felicidade dos voluptuosos, porém, não foi apenas esta a influência trazida pelo cinema ao amor. Se os americanos nos deram as indicações sobre o amor de ar livre, também eles, com os russos, os alemães e os franceses encarregaram-se de dar longas lições sobre o amor de labareda que queima as almas e cansa os corpos, em competições, não levadas a efeito em estádios para gáudio e entusiasmo de multidões, mas em recantos selados para contentamento e posterior fastio de dois. Esse cinema ensinou as mulheres a dilatar mais as narinas, mostrar as pernas com melhor compostura elegante, fazer nascer maiores desejos, prender os homens com força mais forte. Os homens, por sua vez, outras lições receberam, não menos elucidativas.

Dando o cinema lições sobre o mais superficial e o mais fundo, vêde tudo quanto poderia citar-se de influenciado!

Sobre a literatura tem este Prof. uma vantagem que lhe confere um poder ilimitado: enquanto aquela apenas sugere, com apontamentos e dados escritos, o cinema vai directamente à vista e mostra como as coisas são e como os factos podem encadear-se.

Mal? Bem? O temperamento de cada um, responda!

a l b e r t o d e s e r p a

C R Í T I C A

«O Testamento do Dr. Mabuse» deve ser o último suspiro desta pobre temporada cinematográfica cujo fim, por falta de bons filmes e por penúria de público cada vez mais acentuada, se vinha desenhando de há algum tempo para cá. Por isso, a apresentação do novo filme de Fritz Lang toma o aspecto de duplo acontecimento, não só porque um filme de Fritz Lang merece sempre especial atenção e grande expectativa do público seriamente aficionado pelo cinema, mas também porque será o fecho dum ano cinematográfico pobre, desorientado e decadente.

«Dr. Mabuse», segue, na carreira de Fritz Lang, a trajectória iniciada com «Espiões» e continuada com «Matou». Filme de grande envergadura, incontestavelmente bem feito e tendo com aquelas duas obras, visíveis pontos de contacto, enferma como elas, dum mal a que Fritz Lang parece não querer fugir, antes tem gôsto em enfrentar: a complexidade do argumento. Fritz Lang, que é sem dúvida uma das figuras mais representativas do cinema alemão, devia, uma vez por outra, procurar um cenarista que, ao contrário de Thea von Harbou, tivesse menos vocação para as grandes aventuras novelescas, onde uma imaginação febril se dá livre curso, e possuísse o que ela não tem: «o gôsto da precisão e da simplicidade». Poderia assim, como uma vez apontou Charensol, «encontrar motivos suficientemente vastos para revelar a sua poderosa personalidade», sem cair em assuntos folhetinescos, apenas curiosos, sempre com pontos fracos e que o arrastam para o que o mesmo jornalista chama, entre outras coisas, «desordem artística». Todavia o saber de Fritz Lang, o seu extraordinário poder animador, sobrepõem-se aos argumentos que escolhe, elevam-no acima deles nas composições cinematográficas que realiza. Se há situações um pouco confusas no argumento de «Dr. Mabuse», se há detalhes mal explicados ou mal justificados — defeitos que provêm somente da complexidade do assunto tratado — nem por isso este filme deixa de ser uma obra grande e notável.

Fritz Lang sabe a fundo do seu officio. Não tenham dúvidas. Cria ambiente. Joga com os nervos do público que mantém continuamente tensos. Desenrola com perfeita seqüência e com pericia inegável, peripécias de complicada engrenagem, sempre numa justa e bem composta atmosfera de mistério ou de terror. É se bem que não haja uma total harmonia no conjunto da obra, que se desenvolve um pouco em sobressaltos emocionantes, isso não impede, todavia, que muitos fragmentos sejam verdadeiramente magistrais, servidos como são por um pleno emprêgo das possibilidades fonocinematográficas.

Fritz Lang não limitou muito, nem poderia neste caso limitar, o emprêgo da palavra, mas isso não prejudica o seu filme. É de notar, até, o paralelismo de certos diálogos, em cenas diferentes, continuando-se ou completando-se. (Processo já usado em «Matou»). Este sistema de cenas e diálogos desenvolvidos a par, é muito do gôsto de Fritz Lang. Repare-se por exemplo no paralelismo de certas situações: a tentativa de fuga de Kent e Lili, alternada com a tentativa de fuga dos bandidos, cercados pela policia. E mesmo, ainda, o aproveitamento do som, ligando certas passagens (o bater do relógio, na sala onde estão encerrados o rapaz e a rapariga, continuado com o bater no ovo que um dos bandidos descasca). Há ainda, como exemplo dum sábio aproveitamento do som, a cena do tiro, no automóvel e o barulho das máquinas na oficina dos fabricantes de notas falsas, mais ou menos intenso, conforme se abre ou se fecha uma porta que em certos momentos não se vê.

A «mise-en-scene», propriamente dita é primorosa, bem como o seguro trabalho fotográfico de Fritz Arno Wagner e Karl Vass. A estes factores, muito favoráveis, junto outro de não menos importância: o desempenho certíssimo de todos os interpretes, manejados com uma firmeza de pulso como só Lang, mais três ou quatro realisadores alemães e os russos, são capazes de o fazer.

Em resumo: um bom filme e um grande espectáculo.

a l v e s c o s t a

F R I T Z L A N G

UM NOME DE GARANTIA

Ao contrário do que muita gente supunha, tivemos ocasião de ver ainda nesta temporada um filme de grande categoria. Referimo-nos ao «Testamento do Dr. Mabuse», de Fritz Lang, que teve agora no Pôrto a sua estreia em Portugal, como sucedera recentemente com o «D. Quixote»,—o que representa incontestavelmente uma vitória do «S. João-Cine», que nos é grato registar.

Havia ansiedade em ver êste filme, que vinha do estrangeiro precedido de grande fama. Embora se desconhecesse propriamente o argumento, sabia-se que era uma película de grande emoção, do chamado género policial, uma história de crimes, cheia de movimento e de imprevisto, cujo assunto o produtor sintetizára numa simples frase posta a correr mundo como única revelação: «Tôda a enciclopédia do crime—o que era, valha a verdade, de um laconismo desesperador. Mas havia, sobretudo, a impô-lo à consideração pública, o nome de Fritz Lang.

Com efeito o grande artista conquistára uma justa celebridade com os seus filmes silenciosos *Os Nibelungos*, *A Morte Cansada*, *Metropolis*, *Os Espiões*, *A Mulher na Lua...* e, depois, com o seu primeiro e, salvo êrro, único filme sonoro—*Matou!*

Com êstes antecedentes não era preciso ser grande profeta para supôr que com o «Testamento do Dr. Mabuse» a temporada fecharia, como é vulgar dizer-se, com chave de ouro. Assim sucedeu, realmente. O filme que acabamos de ver no «S. João-Cine», é sem dúvida, uma produção de inegável valor. Podem-se-lhe fazer quaisquer reparos. É possível que o assunto e o ambiente tenham desagradado às pessoas que vão ao cinema apenas para se distrair. É natural que o processo de composição adoptado pelo realizador não tenha dado ao filme aquela clareza indispensável à fácil compreensão da maioria. Tudo isso é mesmo provável... Mas, o que é certo é que, a-pezar disso, a sua superioridade subsiste. Basta salientar o excelente trabalho dos artistas e o primôr da sua





técnica para que ela fique na nossa memória com o relevo que merece. As cenas iniciais, que tão bem marcam logo o ambiente misterioso do filme, a do assassinio no automóvel e a da perseguição final, não esquecem mais. São das melhores que temos visto até hoje.

É que há certos nomes, que pelo seu prestígio, constituem uma garantia insofismável. Dizer-se por exemplo, que um filme é bom, é fazer uma afirmação vaga. Dizer-se que um filme é de Pabst ou de Fritz Lang é exprimir de um modo concreto que o filme é excelente, dispensando adjetivos e explicações complementares. Quando se afirma que um soneto é de Camões ou que um romance é de Eça de Queiroz, é inútil acrescentar mais nada, porque o nome que o subscreve é o fiador idóneo do seu mérito.

Uma grande parte das pessoas que freqüentam os cinemas nem sempre distinguem claramente a categoria dos filmes. Estão exactamente no caso das pessoas que devoram livros e que não sabem diferenciar a distância que existe literariamente, entre um romance de Camilo e um folhetim do «Século», ou entre um soneto de Antero de Quental e os desvanecios poéticos do sr. Cunha da Raza.

É claro que nós vemos durante a temporada muitos filmes. Mas a verdade é que *grandes filmes, obras primas*, seria um louvar a Deus se pudessemos ver meia duzia em cada temporada. Comédias, operetas, filmes sentimentais, tudo isso se produz em série. Longe de mim a ideia de pretender diminuir o valor que esses filmes possuem sob outro aspecto, porque são eles precisamente que criam a atmosfera habitual do cinema — do cinema considerado como passatempo e anestésico moral. Mas toda a gente, medianamente instruída e com um pouquinho de intuição artística compreende facilmente que filmes como as «Raparigas de Uniforme» não se podem fazer todos os dias. As obras-primas em qualquer arte são sempre uma excepção — e se assim não fôsse, deixariam de ser obras primas.

Portanto, leitor amigo, quando vires anunciado um filme, cujo realizador seja Pabst, René Clair, Fritz Lang e poucos mais, já sabes que vais ver um filme excepcional. Dispõe-te a ir ao cinema — apenas para ver cinema. Se conseguires perceber porque são superiores esses filmes, embora não te agradem tanto como alguns dos outros, dá graças a Deus, porque excedes a craveira comum. Se não perceberes, também não vale a pena afligires-te. Consola-te com a ideia de que ter uma inteligência limitada e não possuir sensibilidade nenhuma é meio caminho andado para se ser completamente feliz.

ELEGANCIAS



A casa Albano Ramos Paes & Filho, desta cidade, anuindo graciosamente ao nosso pedido, encarrega-se da direcção desta página. As nossas leitoras podem portanto consultar-nos para o gravissimo problema da escôlha dos seus atavios, todas as vezes que o desejem, com a certeza de terem a responder-lhes uma entidade cuja autoridade artistica e o valôr profissional não admitem discussões nem confrontos.

Vestido de chá em organdi branco com incrustações de setim «ciré» da mesma côr. Modelo pertencente à colecção da casa Albano Ramos Paes & Filho, do Pôrto.

VESTIDOS DE CHÁ E GARDEN-PARTY

Nesta deliciosa época do ano em que a festiva animação é mantida por festas de ar livre, corridas, concursos hípicas, garden-parties, etc., o organdi encontra a sua hora particular.

Empregando este tecido nos tons desmaiados, conseguem-se vestidos em que a nota dominante não pode deixar de ser a frescura, a alegria e a juventude.... Nos seus detalhes, a moda abandona todas as excentricidades, todos os exageros e regressa a um meio termo equilibrado, sempre de bom-gosto e de bom tom.

O comprimento voltou ao ponto lógico. Suficientemente curtos para permitir a dança, suficientemente compridos para dar à silhueta uma elegância elançada, feita de graciosidade, de finura e de equilíbrio, estes vestidos trazem consigo uma leve reminiscência dos tempos amáveis do romantismo, e rodeiam sempre a sua dona de uma vaga auréola de sonho. Nesta primavera, a moda é — passe o pleonasma — nitidamente primaveril. Como tecido, dissemo-lo acima, o organdi; como côres, as côres leves, suaves, os chamados tons «pastel»: verde clarissimo, rosa, o indeciso cinzento chamado «tourterelle» e branco, muito branco, sempre branco; como enfeites, está decretado sem apêlo o uso das incrustações em «setim ciré». Grandes laços no mesmo setim, de pontas caídas, ajustam a cintura, deixando que depois o tecido «arme» naturalmente, dando ao todo um ar de vaporosidade transparente e deliciosa fragilidade....

E com um grande chapéu de palha guarnecido a fita do mesmo setim «ciré» aí temos no fim de contas uma elegancia clara e môça, bem disposta e fresca....



Chapéu em palha amarelo-dourada. Modelo da colecção de M.^{me} Filomena Cardoso, da Rua 31 de Janeiro.



Colar e pulseira em metal niquelado, apresentados pela casa «A Turquês», da Rua 31 de Janeiro.



«Pull-over» e «écharpe» em malha de lã amarela e castanha. Modelo da colecção do «Leão das Malhas» da R. Formosa



ELEGANCIAS

Esta pagina é elaborada sob a proficiëntissima direcção de Manoel Pinheiro da Rocha, que todo o homem de bom gosto conhece e considera. Isto representa para MOVIMENTO, uma garantia de êxito. E para os nossos leitores que desejem aproveitar-se dos nossos desinteressados serviços, representa a certeza de que, ao exporem-nos as suas dúvidas, nós as resolveremos por um modo que poderá talvez ser igualado, mas que não poderá, de modo nenhum, ser ultrapassado.

GENERALIDADES

A actividade febril da vida moderna, impõe, de entrada, ao homem elegante, este problema importantíssimo: a adaptação da sua elegância ao meio em que vive e às suas ocupações diárias.

A arte de vestir, tal qual deve ser compreendida, é um factor importantíssimo do êxito e da felicidade....

E é difícil decidir para qual é mais importante: se para aquêles que foram favorecidos pela natureza, se para aqueles a quem ela desfavoreceu.

A verdadeira elegância é, evidentemente, o apanágio do melhor e do menos visto. Mas a inteligência de cada um e o seu bom gosto pessoal são absolutamente necessários para escolher, de entre o que é moda, aquilo que lhe convém ou deixa de convir.

Vestir segundo as circunstâncias do momento, seleccionar os modelos, os coloridos, as combinações que mais nos convêm, eis a primeira necessidade do homem que deseja vestir bem.

Vestir bem, não quer dizer dar nas vistas. É necessário termos a certeza de que estamos trajados coerentemente com o nosso fisico e com as circunstâncias

Gravatas da coleção de verão da «Smart-Camisaria», montadas sobre o seu modelo exclusivo de colarinhos «Promenade».



exteriores, conservando-nos à vontade e sem que nada revele os meios de que nos servimos para obter essa certeza.

A escolha dos modelos é importante, mas a escolha dos tecidos não é menos importante.

Está absolutamente provado, por exemplo, que os tecidos de quadrados dão a quem os usa uma aparência de menor altura e maior largura, como está provado também que os tecidos de riscas têm o efeito diametralmente oposto.

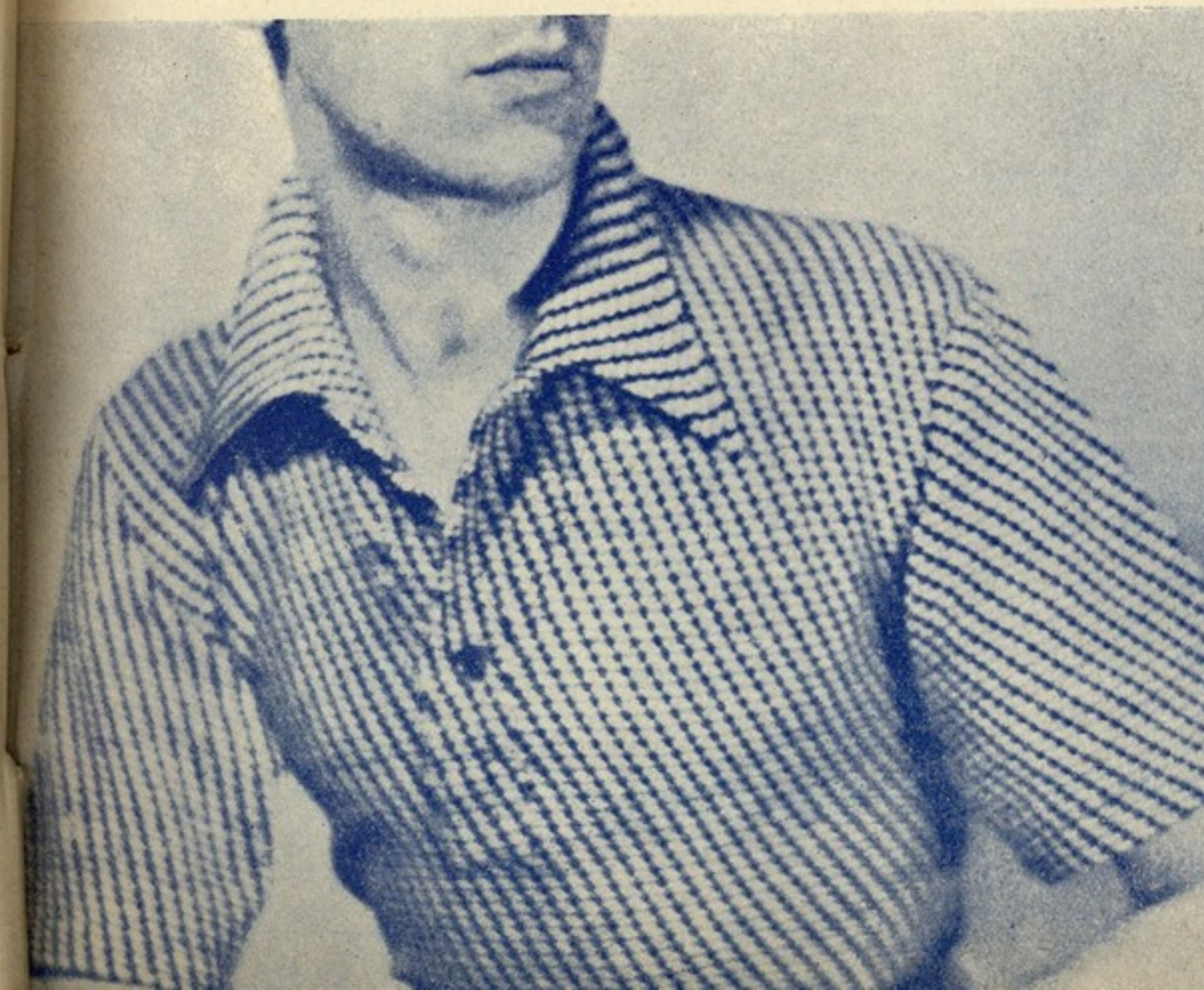
As côres alegres e as fantasias que conveem aos desportos, ao campo e às praias, seriam do pior efeito na cidade, assim como o traje meio cerimonioso que usamos para as nossas visitas seria absolutamente ridículo num «court» de «tennis» ou num areal.

E assim por diante...

Para cadauma das nossas próximas crónicas escolheremos um assunto definido, procurando auxiliar assim todos aqueles que possuem o louvavel intuito de cuidar de si.

E aqui ficamos ao absoluto dispôr dos nossos leitores para tratar os assuntos que se dignem indicar-nos como interessando-lhes mais particularmente.

Camisa de malha, criação moderníssima do «Tricot Nonpareil».



A FESTA DE MOVIMENTO E DOS CINÉFILOS DO NORTE

A inspirar todos os nossos trabalhos há uma directriz: proporcionar a todos aqueles que bem recebam «Movimento» e o auxiliem nos seus primeiros passos, o maior número possível de provas do nosso agradecimento.

Para já, temos uma boa notícia a dar-vos, cinéfilos do norte, nossos amigos e nossos camaradas. MOVIMENTO começou já a organizar a sua festa, que terá lugar ainda antes do encerramento da actual temporada cinematográfica, no nosso melhor cinema: o São João-Cine. Chamamos ao São João o nosso melhor cinema, e isto é modéstia, porque poderíamos perfeitamente chamar-lhe uma das melhores casas de espectáculos do País. Mas presentemente, o que nos interessa, é a nossa — vossa Festa.

Isto do PROGRAMA é complicadíssimo de explicar.

Haverá UMA CONFERÊNCIA feita por UM DE NÓS — ainda não está designada a vítima — e a competente sessão de cinema com um programa escolhido a dedo e para o qual vocês podem fazer-nos conhecer as vossas preferências. Haverá o sorteio entre TODOS os presentes — todos menos nós, é claro! — de uma data de brindes oferecidos cada um por cada uma das casas que colaboram connosco na elaboração das nossas páginas de Elegâncias, Fotografia e Beleza, e que vocês conhecem demasiado para que nós desatemos agora aqui a fazer-lhes réclame. Haverá — isto é com as senhoras — um desfile de manequins da casa Albano Ramos Pais & Filho que dirige a nossa página de Elegâncias Femininas...

Haverá — isto agora é com os rapazes — a assistência de algumas das seleccionadas pela TOBIS para a CANÇÃO DE LISBOA. E haverá — isto agora é com «elas», com «êles» e connosco — um chá dançante no Salão Nobre do São João, ao qual assistirão as mesmas raparigas da TOBIS, e com as quais vocês podem perfeitamente dar uma voltinha de «fox-trot», desde que lhes sejam apresentados, é claro...

E quanto ao programa, por hoje, temos dito. Agora outra coisa importante.

PODEM ASSISTIR GRATUITAMENTE, À FESTA DE «MOVIMENTO»:

- 1.º Todos os nossos assinantes.
- 2.º Todos os nossos leitores *assíduos*.

Para provar essa assiduidade vocês teem um processo muito simples: coleccionar todos os selos publicados nesta página de «MOVIMENTO», até à realização da «espampanante» festa em que vos falamos. E isto é muito fácil: vocês compram a nossa revista todos os dias 15 e 30 de cada mês; recortam os selos; guardam-nos onde quizerem: dentro de um livro, na carteira, na secretária, em qualquer parte; e quando anunciarmos o início da distribuição dos bilhetes, trazem-nos cá os selos, conhecem-nos — e não perdem nada com isso que somos bons rapazes — e pronto: ficam habilitados a ir à festa, a ver a sessão, a ouvir a conferência, a receber os brindes, a dançar com as meninas da TOBIS, e

— ISTO É QUE É FORMIDÁVEL —

a ser artistas de cinema, porque, nessa Festa serão por nós escolhidos 2 RAPAZES e UMA RAPARIGA QUE DESEMPENHARÃO OS PRINCIPAIS PAPEIS DE UM «FILM» PORTUGUÊS, FEITO AQUI NO PÔRTO, AINDA ÊSTE VERÃO!

«MOVIMENTO» NECESSITA CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E AGRADECE AOS INTERESSADOS QUE SE PONHAM EM COMUNICAÇÃO DIRECTA COM A REDACÇÃO.

1

movimento

É este selo que vocês devem recortar e guardar.

BELEZA

A beleza é um dom de Deus. Mas o homem tem conseguido, pela força do seu estudo constante e pelo afinamento progressivo da sua inteligência, preservá-la, modificá-la segundo o gosto proprio do momento, adaptá-la às varias necessidades da vida vária. Pequeninos defeitos são muitas vezes a causa de grandes desgostos. E no entanto, quantas vezes um pouco de boa vontade, um pouco de perseverança, e uma pequena insistência seriam mais que o suficiente para, corrigindo esses pequeninos defeitos, evitar esses grandes desgostos!

As três qualidades enumeradas, ao serviço de uma inteligência esclarecida, realizarão prodigios..... Convencidos como estamos da verdade destas afirmações, e porque também a nós que somos rapazes modernos e de bom gosto agrada a beleza civilizada, consciente, que sabe o que vale e o faz valêr, resolvemos abrir nesta pagina um consultório onde as nossas leitoras poderão colher sempre que assim o desejem todos os ensinamentos que lhes interessem.

Deste modo arranjam os lenha para nos queimarem, mas paciência!

Apegar-nos-hemos com Santo António que é o advogado contra as tentações, e como encaramos sempre as coisas pelo seu lado bom, esperamos firmemente que entre mortos e feridos alguém ha de escapar.

Portanto fica assim combinado: quando alguma de vocês, nossas leitoras e nossas futuras amigas — honni soit qui mal y pense! — deseje saber como combater qualquer coisa que a desfeie, ou realçar qualquer dos seus detalhes mais estimados, nada mais têm do que honrar-nos com a sua consulta a que não deixaremos de responder com a maior brevidade e com o maior prazer. Depois de buscas trabalhosissimas, complicadas como qualquer romance de Júlio Verne, conseguimos que tomasse sobre si o pesado encargo de responder às consultas das nossas leitoras, uma gentil senhora da nossa terra, a quem a vastidão dos conhecimentos gerais e profissionais possuidos, confere uma autoridade que não merece dúvidas. Esta senhora, que por modéstia deseja ocultar o seu nome, assinará as suas consultas com um pseudónimo, devendo tôda a correspondência respeitante a esta secção ser dirigida como segue:

ANA MARIA Redacção de «*Movimento*»
Rua Elísio de Melo, 28 (Sala 4) — PORTO

Aquelas das nossas leitoras que necessitem receber particularmente as respostas às suas consultas, ou por uma questão de urgência, ou por qualquer outro motivo, terão apénas que nos enviar juntamente com as perguntas a que a nossa illustre camarada terá de responder, a importância de Esc.: 2\$50.

A resposta ser-lhes-há enviada na volta do correio por meio de uma carta.

ESTA SECÇÃO É ORGANIZADA DE ACÔRDO COM A AGÊNCIA NO PÔRTO DA FÁBRICA NALLY, QUE TÔDAS AS SENHORAS CONHECEM E APRECIAM NA MEDIDA DO SEU JUSTO VALOR.

E PARA AS NOSSAS LEITORAS DE PROVÍNCIA — AINDA POR ESPECIALÍSSIMA DEFERÊNCIA DA GERÊNCIA DA SUCURSAL NO NORTE DESTA FÁBRICA — ENCARREGAR-SE-HÁ A NOSSA REVISTA DE ENVIAR, PELO CORREIO, OS PRODUTOS QUE NOS SEJAM PEDIDOS.

Cliché de F. Viana obtido
com Película PERUTZ



Deauville la plage fleurie...

F O T O G R A F I A

«MOVIMENTO» APRESENTA AOS SEUS LEITORES O ARTISTA FRANCISCO VIANA QUE SE PRESTA GENTILISSIMAMENTE A RESPONDER A TODAS AS PREGUNTAS QUE LHE SEJAM DIRIGIDAS SÔBRE FOTOGRAFIA.

NÊSTE NOSSO NÚMERO PUBLICAMOS NÓS DUAS FOTOGRAFIAS DE SUA AUTORIA: A DE MANOEL DE OLIVEIRA, O GALÃ DA «CANÇÃO DE LISBOA, PROVA ADMITIDA AO SALÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA DE DUBLIN, E A QUE ILUSTRA ESTA PÁGINA.

FRANCISCO VIANA, ARTÍSTA FOTÓGRAFO POR AMOR À ARTE, AJUDARÁ COM A SUA SABEDORIA E A SUA EXPERIÊNCIA, TODOS QUE SE LHE DIRIJAM POR NOSSO INTERMÉDIO.

«MOVIMENTO» AGRADECE, PUBLICAMENTE, AO ARTÍSTA E AO AMIGO A COLABORAÇÃO DE VALÔR SEM MEDIDA.

E CONGRATULA-SE PELO AUXÍLIO QUE PRESTARÁ A TODOS OS QUE SE INTERESSAM PELA FOTOGRAFIA, ARTE A QUE NA VIDA FUTURA ESTÁ RESERVADO UM LARGO E IMPORTANTÍSSIMO LUGAR.

TODOS OS NOSSOS ASSINANTES PODEM IR DE GRAÇA AO CINEMA

«Movimento» não se destina a ser a revista de UM SÓ, ou de UM GRUPO, mas sim de todos aquêles que se interessem por ela e, conseqüentemente, pelo cinema.

Nesta ordem de ideias, resolvemos fazer beneficiar todos aquêles que nos prestem o seu concurso EFECTIVO, isto é, que assinem «Movimento», com o direito de assistirem ABSOLUTAMENTE DE GRAÇA, NO CINEMA QUE MAIS LHES CONVENHA, À SESSÃO CUJO PROGRAMA MAIS LHES INTERESSE.

A mecânica dêste brinde, simplíssima, é a seguinte:

Juntamente com o CARTÃO DE ASSINANTE enviaremos um LIVRO DE CHEQUES.

Êste livro conterà tantos cheques, quantos os números de «Movimento» para que tenha sido feita a respectiva assinatura, compreendendo a sua numeração 500 NÚMEROS, ou seja: de 1 a 500; de 500 a 1.000; de 1.000 a 1.500; etc.....

«Movimento» sairá regularmente todos os dias 15 e 30 de cada mês. E aquele dos nossos assinantes cujo livro de cheques compreenda, na sua numeração, o número a que foi atribuído, na extracção do sábado imediatamente seguinte à saída do último número de «Movimento», o primeiro prémio da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, terá o direito de, em troca do cheque correspondente a essa quinzena, e SEM QUALQUER DESPÊSA, receber no cinema que mais lhe agrade, uma entrada de 1.^a Plateia, para a sessão que mais lhe convenha.

Exemplifiquemos:

—O presente número de «Movimento» saiu numa quinta-feira. Suponhamos que o 1.^o prémio da Lotaria sairá no próximo sábado, 17 de Junho, no n.^o 2497.

Aquêles dos nossos assinantes que no seu livro de cheques possuam a numeração: de 2.000 a 2.500, poderão, EM QUALQUER cinema e SEM DESPÊSA alguma, receber uma entrada de 1.^a Plateia em qualquer sessão até à saída do número seguinte de «Movimento», ou seja, até 30 de Junho corrente.

Como é fácil de compreender, êste brinde não será atribuído a UM ÚNICO dos nossos assinantes, de cada vez.

Sê-lo-há A VÁRIOS. Passamos a explicar. Tendo a Lotaria da Santa Casa 10.000 numeros, e cada um dos nossos livros de cheques 500, acontecerá que de 20 em 20 dos nossos assinantes haverá livros de cheques com o mesmo numero. Por exemplo:

O nosso assinante n.^o 1 terá o livro de cheques n.^o 1 a 500; o nosso assinante n.^o 2 terá o livro de cheques n.^o 500 a 1.000; e assim por deante.

Deste modo, os nossos assinantes n.^{os} 21, 41, 61, 81, etc. terão também o livro de cheques n.^o 1 a 500; os nossos assinantes n.^{os} 22, 42, 62, 82, etc. terão livros de cheques n.^{os} de 500 a 1.000..... O prémio não será assim atribuído a UM UNICO dos nossos assinantes, mas a UM EM CADA SÉRIE DE 20.

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Esta secção é um pôsto de socôrro, cuidadosamente organizado, para acudir rapidamente a qualquer panne cinéfila dos nossos leitores.

Vocês querem saber o paradeiro das vossas artistas preferidas? Querem saber o que elas fazem, o que não fazem, para onde vão, donde vêm? Querem explicações, conselhos, liçõesinhas de técnica cinematográfica? Querem paleio, má lingua, bisbilhotice?

Nada mais têm a fazer do que dirigirem-se a esta Estação de Serviço, que para outra coisa não foi criada.

Nós temos sabedoria a dar com um pau. Estamos corajosamente preparados para responder às mais mirabolantes perguntas que vocês nos façam. E teremos sempre dois dedos de bom humor a animar o funcionamento desta Estação, que conta desde já com a próxima visita de vocês todos.

Mas agora notem bem: Não responderemos a perguntas que visem particularidades da vida íntima das «estrelas»..... porque é feio a gente meter-se na vida alheia.....

A partir do próximo número, agregaremos a esta Estação de Serviço uma nova rúbrica, a que chamamos «Apartado n.º 13» e que ficará ao serviço de todos os leitores que queiram trocar correspondência entre si.

Aos camaradas «Multiplus», «Dr. Celuloide», «Eu-sei-tudo» e «Ivan», mártires da curiosidade cinéfila, enviamos saudações de amizade.

E temos dito.

AMOK.

Enviar tôda a correspondência para esta secção, endereçada a AMOK — Estação de Serviço — Red. de MOVIMENTO, R. Elísio de Melo, 28 — Sala 4 — Pôrto.

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE

DE 22 DE JUNHO

— DE 1933 —

2 ENTRADAS

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE

DE 29 DE JUNHO

— DE 1933 —

2 ENTRADAS

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

30 % NA MATINÉE

DE 25 DE JUNHO

— DE 1933 —

TIVOLI

COIMBRA

30 % NA MATINÉE

DE 25 DE JUNHO

— DE 1933 —

TEATRO AVEIRENSE

AVEIRO

30 % NA MATINÉE

DE 25 DE JUNHO

— DE 1933 —

Minha Senhora...

Fixe estas palavras:

"Mah-Jong"

É a marca de um vestido de malha que está na moda, que não desbota, não desforma, e de que é exclusivista a

*"Camisaria Central"
da Praça da Liberdade.*

movimento _____ número 1
cinema - arte - elegancia _____ 15 de junho
1 9 3 3

comp. e imp.

capa: _____

litografia nacional

texto: _____

tip. costa carregal

propriedade de

armando e armando

assinaturas:

3 mezes — 9\$00

6 — 18\$00

avulso 1\$50

_____ administrador e editor: armando barros _____

redacção e administração: rua elisio de melo. 28 - sala 4 - porto

este número foi visado pela comissão de censura



PILOT

Radio

MIRAC
33

Radio PILOT
riformosa 344
porto

Entregue a sua
publicidade a

Armando & Armando

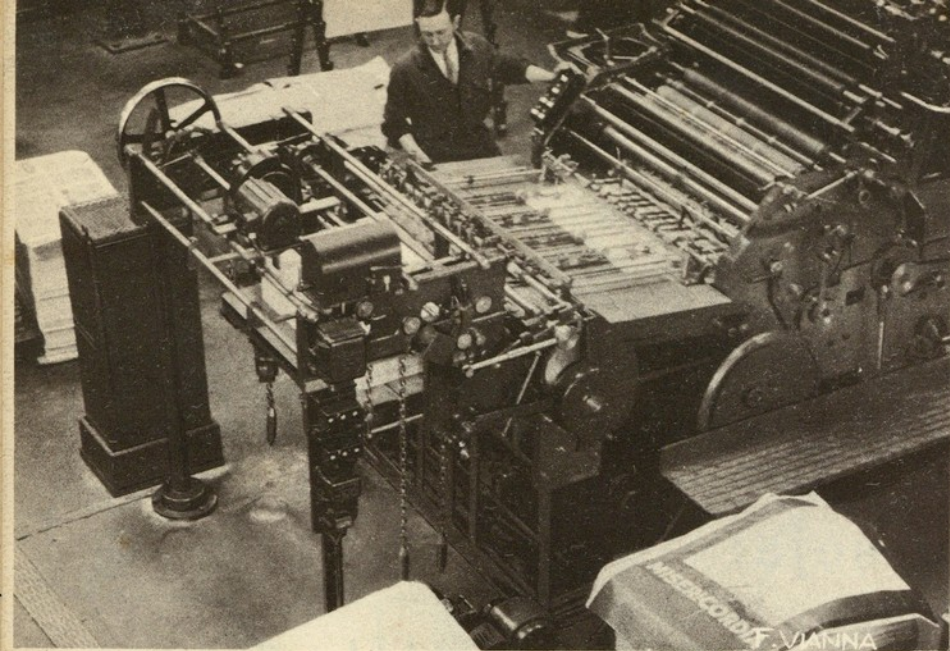
qualquer que seja:

Prospectos
Cartazes
Montras
Stand s
Taboletas
Publicações
Embalagens
Calendários
etc. etc.

ficará bem entregue.

Orçamentos e projectos de publicidade,
gratuitos e sem compromisso.

RUA ELISIO DE MELO, 28 — SALA 4 — PORTO



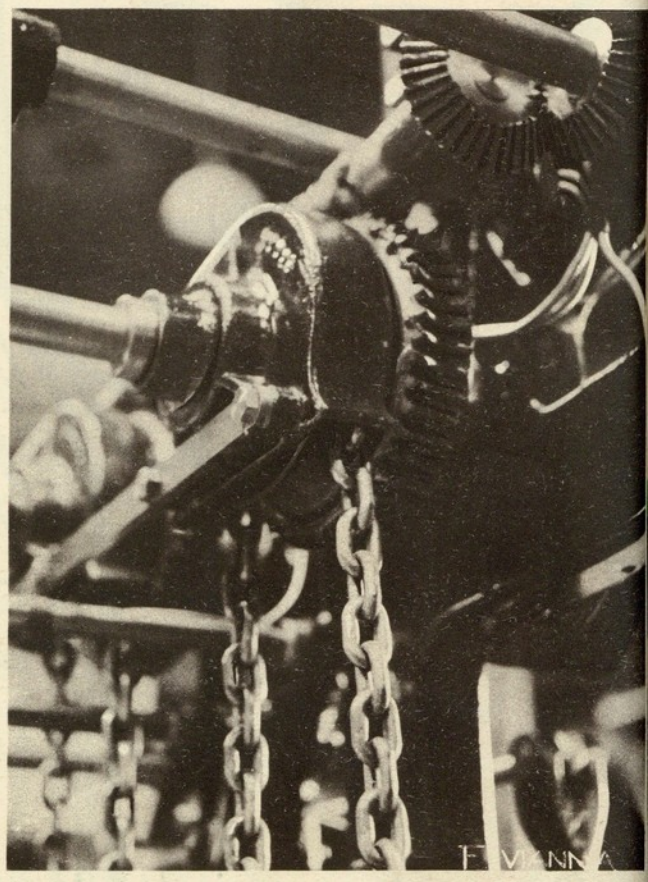
MACHINA

offset

HEO

4

RECORD DE VELOCIDADE



a primeira machina que sahi da fabrica foi adquirida pela

LITOGRAFIA NACIONAL PORTO